

Sobre as bases biológicas do inconsciente coletivo

Anderson de Campos Triacca* 

Marlon Xavier** 

Resumo

Jung viveu em um período de expressivos avanços científicos na Biologia, incluindo as teorias da evolução e da seleção natural, a descoberta dos primeiros fósseis de homínídeos e o surgimento da antropologia científica. Sua pesquisa evoluiu em diálogo com as descobertas consideradas mais plausíveis pela ciência, resultando em uma constante reformulação e aprimoramento conceitual. Argumentamos que a forma madura de sua psicologia pode ser interpretada como uma tentativa de integrar as grandes descobertas científicas de seu tempo, ao mesmo tempo em que, antecipando-se à sua época, forneceu bases teóricas para achados que a neurociência contemporânea começa a confirmar. ■

Palavras-chave: seleção natural; inconsciente coletivo; psicologia evolutiva.

Autor correspondente:

Anderson de Campos Triacca
anderson@andersontriacca.com

Recebido: 14/09/2025

Aprovado: 03/02/2026

Revisado: 05/03/2026

Como citar: Triacca AC, Xavier M. (2026). Sobre as bases biológicas do inconsciente coletivo. JUNGUIANA, 2026;44:e04.
<https://doi.org/10.70435/junguiana.v44.313>



* Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutorado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (2026), possui Mestrado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (2020) e bacharelado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (2017). Como pesquisador, direciona sua investigação para as áreas da Fenomenologia, Filosofia Analítica e Psicologia Complexa.

** Valencia International University, Valencia, Espanha; Instituto Dédalus, Fortaleza, Ceará, Brasil. PhD em Psicologia Social (UAB, Espanha) e PhD em Educação (UOC, Espanha). Professor Dr na Valencia International University (VIU), Espanha, e da especialização em Psicologia Analítica do Instituto Dédalus, Fortaleza, Ceará, Brasil. Psicólogo clínico e supervisor de orientação junguiana.

On the biological foundations of the collective unconscious

Abstract

Jung lived in a period of remarkable scientific advances in biology, including the theories of evolution and natural selection, the discovery of the first hominid fossils, and the rise of scientific anthropology. His research evolved in dialogue with the discoveries considered most plausible by science, leading to a constant reformulation and refinement of concepts. We argue that the mature form of his psychology can be understood as an attempt to integrate the major scientific breakthroughs of his time, while, ahead of his era, providing theoretical foundations for findings that contemporary neuroscience is only beginning to confirm. ■

Keywords: natural selection; collective unconscious; evolutionary psychology.

Sobre las bases biológicas del inconsciente colectivo

Resumen

Jung vivió en una época de notables avances científicos en Biología, entre ellos las teorías de la evolución y la selección natural, el descubrimiento de los primeros fósiles de homínidos y el surgimiento de la antropología científica. Su investigación evolucionó en diálogo con los descubrimientos considerados más plausibles por la ciencia, lo que llevó a una constante reformulación y perfeccionamiento conceptual. Sostenemos que la forma madura de su psicología puede entenderse como un intento de integrar los grandes descubrimientos científicos de su tiempo y, adelantándose a su época, ofrecer bases teóricas para hallazgos que la neurociencia contemporánea apenas comienza a confirmar. ■

Palabras-clave: selección natural; inconsciente colectivo; psicología evolutiva.

Introdução¹

Apresentaremos um possível caminho conceitual da psicologia analítica no processo de desenvolvimento de sua ideia basal: o inconsciente coletivo, especificamente na possibilidade de sua fundamentação científico-biológica. Com base nos trabalhos de Shamdasani (2011), Clark (2025) e Alcaro *et al.* (2017), argumentaremos que a teoria dos arquétipos não foi desenvolvida por Jung como mero constructo teórico, mas sim como uma contrapartida psíquica de substratos fisiológicos, representando o

ápice de uma série de teorias evolutivas (mais especificamente alemãs) às quais foi exposto em sua formação, tais como a anatomia comparativa dos *Naturphilosophen*² e a embriologia de Ernst Haeckel (1895/1905).

Jung viveu uma época de grandes avanços da Biologia que acabaram por influenciar sua obra – dentre eles as teorias da evolução e da seleção natural, a descoberta dos primeiros fósseis de homínidos e o nascimento da antropologia científica. Desse modo, sua pesquisa foi gradualmente se desenvolvendo em consonância com as descobertas que a

¹ Todas as traduções apresentadas são dos autores.

² "A concepção de evolução humana à qual ele (Jung) foi exposto (...) se desenvolveu a partir das tradições alemãs, em oposição às tradições anglo-americanas em biologia (...), se concentrava na anatomia comparativa e na embriologia do desenvolvimento, [e] pode ser rastreada até Kant, Goethe e os *Naturphilosophen*" (Clark, 2025, p. 13).

ciência apontava como mais prováveis, resultando numa dinâmica em que os conceitos são constantemente reconstruídos e aprimorados. Apresentaremos a tese de que a versão madura de sua psicologia pode ser compreendida como uma tentativa de conciliação das grandes descobertas científicas de seu tempo, ao mesmo tempo que, avançando à frente de sua época, foi capaz de fundamentar teoricamente descobertas que a atual neurociência está começando a apontar como verdadeiras.

Como afirma Shamdasani (2011), no início de sua trajetória Jung apresentava um certo alinhamento ao vitalismo, como constatado nas palestras da Zofingia³, sendo este gradualmente abandonado em prol da teoria da herança de características adquiridas de Jean-Baptiste de Lamarck. Porém, ainda naquele final de século, Lamarck seria considerado superado, colocando por terra as primeiras bases biológicas que Jung buscou para fundamentar as conjecturas provenientes de suas observações clínicas a respeito de uma possível hereditariedade de características psicológicas.

Seu interesse por Kant aproximou-o do pensamento dos *Naturphilosophen*⁴, um grupo de filósofos, médicos, biólogos e escritores (dentre eles Goethe e Schelling) do romantismo pós-iluminista, que empreenderam importantes pesquisas nos âmbitos da embriologia e anatomia comparativa. Tais pesquisas influenciaram uma geração de cientistas, notadamente Haeckel e Darwin, que iriam, cada um a seu modo, influenciar a forma como Jung compreendia a biologia humana, levando-o a conceber o inconsciente coletivo não mais como um conjunto de memórias materialmente herdadas, mas sim como um conjunto de heranças de condições de possibilidade da experiência e do desenvolvimento mental.

Nesse contexto, a teoria da seleção natural representou um ponto de virada, na medida que apresentou incontestáveis críticas às teorias da memória orgânica⁵ que também eram fundamentos iniciais da teoria dos arquétipos. A partir de então, a influência romântica, o trabalho de Darwin e as teorias de Haeckel se tornam os fundamentos biológicos do modelo junguiano de desenvolvimento da psique em camadas⁶. Após décadas de reducionismo somático-materialista, vivemos a redescoberta dos *Naturphilosophen* que, somada aos avanços da neurociência, propicia um reencontro com a obra de Jung e nos convida a avançar o corpo dinâmico de conhecimentos da psicologia analítica.

Teorias da herança de memórias: base inicial

O estado da arte sobre a memória ao qual Jung teve acesso compreendia desde a ideia platônica da reminiscência até os conceitos de memória orgânica de Ribot (1897) e Stanley Hall (1885), do final do século XIX e início do século XX. Estes últimos derivados de duas importantes teorias da biologia: a herança de características adquiridas de Jean-Baptiste de Lamarck (1809/1984) e a lei biogenética de Ernst Haeckel (1895/1905).

Enquanto jovem terapeuta, Jung observou em seus pacientes traços psicológicos comuns que lhe pareceram explicáveis pelo viés do conceito de memória orgânica, sendo um caso célebre encontrado em sua dissertação de 1902, onde relata a semelhança de uma passagem de *Assim falava Zaratustra* com um trecho de uma obra antiga de Justinus Kerner (Jung, 1999/1902, §141). Ao entrar em contato com a irmã de Nietzsche, ela lhe confirmou que este tivera contato com tal obra ainda em sua adolescência.

³ “evidências disso são os registros de retirada de livros da Biblioteca da Basileia, e as palestras que deu para um círculo acadêmico chamado Sociedade Zofingia (...) nesta fase, tomou conhecimento das teorias neovitalistas” (Shamdasani, 2011, p. 215).

⁴ “embora essa tradição tenha sido negligenciada durante a maior parte do século XX, avanços recentes em biologia experimental e teórica levaram a uma reavaliação dos *Naturphilosophen* e sua ênfase no desenvolvimento e arquétipos anatômicos compartilhados” (Clark, 2025, p. 13).

⁵ “o conceito de que tudo que a pessoa vive é registrado e é capaz de ser revivido tornou-se bastante conhecido por volta do final do século XIX (...) Jung estava propondo (...) uma audaciosa ampliação desse conceito, para além do alcance da memória individual, a fim de abranger a memória da humanidade” (Shamdasani, 2011, p. 251).

⁶ “Jung concebia a psique como estratificada em camadas geológicas e arqueológicas, entendendo o inconsciente como representativo de camadas cerebrais mais antigas, associadas à herança de nossos ancestrais hominídeos e primatas, em oposição a estruturas evolutivamente mais recentes” (Clark, 2025, p. 14).

Jung compreende o caso como “cópia involuntária”, derivado de memórias, as quais não se tem acesso de forma direta, mas apenas através de processos mentais de criação.

Jung também observara que muitos temas e figuras da mitologia antiga apareciam com frequência nos sonhos e alucinações de pacientes. Enquanto a terapêutica corrente compreendia tais manifestações como sintomas reprimíveis, Jung propunha sua interpretabilidade. Em uma carta a Freud em 1909, expõe que sua pesquisa buscava um fundamento filogenético para as neuroses, que pudesse ser aliçado em bases evolucionistas, ao mesmo tempo que consonante com suas observações clínicas, que apontavam para a existência de memórias que não poderiam ter sua origem nas vivências pessoais do indivíduo, usando como exemplo motivos mitológicos gerais que apareciam em sonhos de pacientes, ou que eram frequentemente representados em obras literárias:

Agora estou lendo os quatro volumes do velho Creuzer, onde existe uma grande massa de material [sobre tais memórias]. Todo meu deleite com a arqueologia (enterrado por anos) voltou à vida. “Ricos filões” se abrem para a base filogenética da teoria da neurose (McGuire, 1974/1909, p. 258).

Tal busca pela base filogenética era uma aspiração de vários pesquisadores, sendo um caso bastante influente sobre Jung o de Theodor Flournoy a respeito da paciente Hélène Smith (Flournoy, 1994/1900), uma jovem supostamente médium que relatava, com grande quantidade de detalhes, várias histórias de almas da Terra transmigradas para o planeta Marte, almas estas que se manteriam em constante contato com ela. Suas descrições eram tão reais que ela chegou a criar o idioma marciano. Ao analisá-la, Flournoy percebeu semelhanças do

idioma “marciano” com o francês, atribuindo tais criações a um processo de imaginação misturada com o que chamou de *criptomnésia* – memórias que demonstramos possuir, mas sem termos recordação de como as adquirimos.

Por este termo de criptomnésia, ou ressurgimento de memórias latentes, duas coisas singularmente diferentes são compreendidas. Para mim é apenas uma questão de memórias da vida presente dela; e não vejo nada de “paranormal” nisso (Flournoy, 1994/1900, p. 173).

Nesse contexto, a postulação da teoria do Inconsciente Coletivo de Jung se apresentou como uma ampliação do conceito de criptomnésia de Flournoy⁷, ao defender que não eram “só recordações de impressões obtidas ao longo da vida de uma pessoa que reapareciam (...), mas também lembranças raciais” (Shamdasani, 2011, p. 237), que continham motivos provenientes do desenvolvimento acumulado e repetido de toda humanidade, claramente influenciado pelas teorias da memória orgânica e herança de características adquiridas. Assim fundamenta o que Freud chamou de “resíduos arcaicos” a partir de Lamarck, compreendendo a “história como algo que a raça acumula e armazena nos indivíduos” (Otis, 1994, *apud* Shamdasani, 2011, p. 202), transferida geracionalmente.

Porém as evidências apresentadas pela publicação de *A Origem das Espécies* invalidaram as citadas teorias de herança de memórias, que eram fundantes dessa concepção inicial de inconsciente coletivo. Ao mesmo tempo, as descobertas dos primeiros fósseis de *Homo Erectus* e de Neandertais no final do século XIX (Clark, 2025) – fósseis aos quais Jung teve acesso durante seus anos de formação da Universidade de Basel⁸ – reforçariam ainda mais os argumentos de Darwin.

⁷ “o que Jung estava propondo essencialmente era uma expansão radical do conceito de criptomnésia de Flournoy. Estava sustentando que não eram só recordações de impressões obtidas ao longo da vida de uma pessoa que reapareciam, embora de forma irreconhecível, mas também lembranças raciais” (Shamdasani, 2011, p. 237).

⁸ “Quando Jung era estudante, ele trabalhou como assistente no Instituto Anatômico da Universidade de Basel. Significativamente, foi sua familiaridade com os fósseis dos primeiros humanos nessa época que parece ter formado as associações com os crânios no sonho. E é nessa época

Teoria da seleção natural: de inimiga a aliada

A reação inicial de Jung à teoria da seleção natural foi de rejeição, devido principalmente ao menosprezo que tinha pelo materialismo científico hegemônico na virada do século (Jung, 1896/1983). Porém, tal impressão durou pouco tempo; na medida em que teve contato com as teorias de Haeckel e dos *Naturphilosophen*, sua posição acabou mudando radicalmente. Ao iniciar seus trabalhos no Burghölzli como assistente de Eugen Bleuler, seu discurso biológico já se encontrava mais alinhado ao formato que se apresentaria na maturidade de sua obra, quando buscou fundamentar a mente na biologia, mas sem reduzi-la ao âmbito fisiológico. Isso o leva a desenvolver a diferenciação entre as camadas históricas do indivíduo: a que adquirimos socialmente (a consciência coletiva, termo emprestado da sociologia francesa⁹) e a im pessoal herdada:

A consciência individual resulta da natureza orgânica e psíquica, considerada isoladamente (...) a consciência coletiva era composta por representações coletivas que expressavam como o grupo pensava a seu próprio respeito. Essas representações assumiam em geral a forma de mitos, lendas e concepções religiosas. As representações coletivas não eram inatas, mas resultavam da ação do coletivo e da história (Shamdasani, 2011, p. 309-310).

Avançando até *Símbolos da Transformação* (2012/1952), versão revisada do original de 1912, coetâneo ao rompimento com Freud, Jung apresenta paralelos entre a adaptação biológica da raça humana e o pensamento mítico-simbólico. A lei biogenética¹⁰ da embriologia de Haeckel é adotada como válida também na psicologia, e as características mais antigas da mente seriam a base afetiva dos motivos simbólicos espontâneos que ele observava emergir

de seus pacientes: “também nossa mente, que aparentemente superou essas tendências arcaicas, ostenta, não obstante, a marca da evolução acumulada” (Jung, 2012/1952, §36). Aqui se observa o início do rompimento com as teorias da memória orgânica ao situar armazenamento das memórias impessoais no âmbito da experiência psicológica, e não mais no somático, reforçando sua posição contra a redutibilidade da psicologia à biologia:

Esta associação de ideias não nos resulta estranha; do contrário, a conhecemos bem por causa da anatomia comparada e pela genética, que nos mostram que a estrutura e funções do corpo humano surgem devido a uma série de transformações na história da espécie. Daí vem a razão por trás da suspeita de que na psicologia a ontogênese também corresponde à filogênese (Jung, 2012/1952, §26).

Já em 1916, na palestra “A estrutura do inconsciente” (Jung, 2013b/1928), publicada como apêndice IV do vol. 7 da O.C, Jung apresenta de forma mais clara sua divisão da mente em duas camadas: o inconsciente pessoal, que contém as memórias adquiridas ao longo da vida do indivíduo, e o inconsciente im pessoal, que contém a contrapartida mental da evolução biológica do corpo. A primeira é proveniente das afecções sensíveis da vivência individual, mas a segunda é, de alguma forma, herdada, pois apresenta motivos claramente impessoais. Em visitas futuras ao texto da palestra, visando se distanciar da ideia de herança de características adquiridas, criaria complementos afirmando que tais características se formam “de um lado, pelas percepções inconscientes de processos externos reais e, por outro, por resíduos das funções filogenéticas de percepção e adaptação” (Jung, 2013b/1928, §507), colocando-se agora em maior consonância com a teoria da seleção natural:

que seu interesse em anatomia comparativa e paleoantropologia parece ter se fundido” (Clark, 2025, p. 39).

⁹ “o que espero que a discussão acima deixe claro é que há aspectos inexplorados do trabalho de Jung que não apenas mostram profundas afinidades com Durkheim e a tradição sociológica francesa, mas também com a teoria evolucionista contemporânea” (Clark, 2025, p. 120).

¹⁰ “nesse sentido, a filogênese cognitiva parece ter ocorrido por meio da evolução da ontogenia, ou como Brian Hall expressou: a ontogenia não recapitula a filogenia; ela cria a filogenia” (Clark, 2025, p. 127).

(...) o inconsciente é composto, por um lado, pelas percepções inconscientes de processos externos reais e, por outro, por resíduos das funções filogenéticas de percepção e adaptação. Uma reconstrução da imagem inconsciente do mundo resultaria em uma imagem do mundo que está sendo contemplado desde sempre: a realidade externa. O que o inconsciente coletivo contém é um reflexo histórico do mundo. É, em certo modo também um mundo, só que um mundo de imagens (Jung, 2013b/1928, §507).

Neste ponto chegamos ao limite do que o próprio Jung desenvolveu no que diz respeito ao alinhamento de sua psicologia em consonância com a Biologia. Para tentar mostrar o que poderia ser sua posição madura sobre o tema, cabe citar Michael Fordham, que em 30 de maio de 1958 escreveu diretamente a Jung questionando a validade das bases biológicas de que ele falara em suas antigas conferências frente às teorias biológicas consolidadas, pois tanto a teoria dos genes de Mendel (1866) quanto a teoria do plasma germinativo de Weismann (1892) colocavam abaixo a possibilidade de herança de características adquiridas.

Em resposta, Jung reconheceu que suas bases teóricas eram mais filosóficas que biológicas, admitindo que havia deixado de lado a Biologia em geral, pois o que se sabia até então sobre a fisiologia da mente ainda era insuficiente para fundamentá-la em termos biológicos. Para a Psicologia era indiferente se os arquétipos eram “transmitidos pela tradição, migração ou herança” (Shamdasani, 2011, p. 285), pois se trata de um conceito empírico análogo aos instintos, sendo estes sim, provavelmente herdados.

A consolidação da teoria da seleção natural e o abandono das ideias de memória orgânica por parte da Biologia fizeram com que Jung se distanciasse das tentativas de fundamentar os arquétipos em

termos biológicos, passando deste modo a se referir a eles como análogos às categorias de Kant: não mais memórias herdadas, mas sim condições inatas de possibilidade para a formação de representações.

Não se deve imaginar que as fantasias mitológicas sejam representações herdadas. Não nos referimos a nada disso, mas sim a possibilidades de representação inatas, condições a priori do pensamento simbólico, comparáveis, por exemplo, às categorias kantianas (Jung, 2014/1928, §14).

Tal mudança em direção à filosofia transcendental¹¹, na medida em que busca refundamentar suas ideias sobre a origem das memórias impessoais, torna o próprio termo “memória” inconsistente, pois memórias passam a ser compreendidas como conteúdos, enquanto os arquétipos do inconsciente coletivo são pura forma – condições *a priori* da experiência mental – correspondendo à contrapartida psíquica dos instintos. Nesse sentido, podemos dizer que a psicologia complexa se apresenta como um consistente modelo de “psicologia evolucionista transcendental”, na medida em que estuda e compreende as condições de possibilidade da experiência mental como contrapartidas psíquicas às experiências físicas, que resultam da transmissão de características biológicas selecionadas pela adaptação ao meio. O arquétipo, ou imagem primordial, é uma “expressão psíquica de uma disposição determinada anatômica e fisiologicamente” (Jung, *apud* Shamdasani, 2011, p. 252).

Tais disposições anatômico-fisiológicas determinam as possibilidades de experiência que se encontram disponíveis, e que, de uma perspectiva ontológica, nos afetam a partir de um substrato corpóreo e sua estrutura afetiva. Dessa forma, o inconsciente coletivo seria composto pelas condições *a priori* da própria experiência, ampliando o âmbito das

¹¹ Kant distingue rigorosamente o sentido de transcendental – ligado às condições *a priori* da possibilidade da experiência – de transcendente, que ultrapassa ilegítima e dogmaticamente o âmbito do empírico: “(...) ‘transcendental’ (...) não significa algo que ultrapassa toda experiência, mas o que a precede (a priori), sendo, contudo, destinado apenas a tornar possível o conhecimento empírico, distinguindo-se assim do uso transcendente, isto é, daquele que ultrapassa os limites da experiência” (Kant, 2025, p. 146).

categorias kantianas, que teria reduzido o amplo conjunto das condições de possibilidade das experiências mentais ao conjunto das categorias lógicas do pensamento racional. Tal equiparação de estatuto ontológico das imagens primordiais com as categorias transcendentais serviu para demonstrar seu entendimento de que conteúdos mentais não podem ser herdados, mas condições de possibilidade de experienciar conteúdos podem:

Os conteúdos concretos certamente se ausentam, mas suas potencialidades estão dadas a priori pela disposição funcional herdada e pré-formada. A psique nada mais é que o resultado da evolução funcional do cérebro ao longo da linha genealógica, o resultado dos ensaios adaptativos e experiências da série filogenética (Jung, 2013a/1921, §512).

Avançando para a neurociência das últimas décadas, fica claro que algumas das intuições fundamentais de Jung (inclusive o inconsciente coletivo) podem estar realmente consonantes com o funcionamento dos processos biológicos do nosso cérebro (Alcaro *et al.*, 2017). Jung não poderia prever que os avanços da genética iriam mostrar que a embriologia de Haeckel¹² e a anatomia comparativa dos *Naturphilosophen* estavam muito mais corretas do que se poderia imaginar em suas épocas¹³, tornando necessário revisitar sua obra, e de certa forma repensar o modo como compreendemos os fundamentos evolutivos implícitos nela.

A psicologia analítica frente à biologia contemporânea

Para além do próprio Jung, também os continuadores de sua obra não deram a devida importância

à dimensão biológico-evolutiva de suas ideias, em geral excluindo-a dos seus desdobramentos. De acordo com Clark (2025)¹⁴, um dos principais motivos se deve à falsa suposição de que todas as teorias biológicas nas quais Jung se apoiou estavam incorretas, tais como as ideias de Haeckel e dos *Naturphilosophen* (Clark, 2025). A atual neurociência não apenas revalidou a anatomia comparativa e a embriologia do desenvolvimento, assim como muitas das concepções basais da psicologia analítica, como a natureza afetiva do inconsciente, o processo filogenético de desenvolvimento do ego consciente a partir de um estado inconsciente anterior (Clark, 2025), assim como a heterocronia servindo de base para tal processo. Também é notável o esforço de Jung em conceber um modelo científico que supere o reducionismo da ciência iluminista, apresentando-se como precursor de um modo de fazer ciência que pode ser resumido na afirmação: “os sentimentos são tão cognitivos como qualquer outra imagem perceptual e tão dependentes do córtex cerebral como qualquer outra imagem” (Damasio, 2012, p. 177).

Tal modelo se posiciona contra a separação cartesiana entre mente e corpo, compreendendo a vida mental como contrapartida de percepções provenientes do substrato biológico, levando em conta elementos herdados (arquétipos e instintos) e elementos adquiridos (consciência coletiva e complexos), tornando cada indivíduo uma dinâmica única, criticando a pretensa visão científica de “terceira pessoa”, que exclui individualidades em nome das generalidades. Tal pioneirismo resultou inevitavelmente em conjecturas que apontam para descrições típicas, imparciais e flexíveis ao ponto de serem analisadas através do pensamento complexo, observadas em sua ação dinâmica, fornecendo possibilidades tipicamente abertas para compreender fenômenos psicológicos

¹² “alegam que a lei biogenética de Haeckel foi desacreditada pela comunidade científica. Este não é o caso - as ideias de Haeckel ainda são consideradas relevantes por biólogos do desenvolvimento evolucionário” (Clark, 2025, p. 68).

¹³ “Embora Goethe e os *Naturphilosophen* não tivessem uma compreensão dos genes, suas teorias baseadas em arquétipos anatômicos resistiram ao teste do tempo e foram verificadas pela genética evolucionária moderna” (Clark, 2025, p. 10).

¹⁴ “Um dos principais argumentos deste livro é que as tradições que formaram o pensamento evolucionário de Jung, em termos de biologia do desenvolvimento e antropologia, foram efetivamente rejeitadas pelas principais correntes do pensamento científico do século XX. Os estudiosos junguianos seguiram essas tendências paradigmáticas e, como consequência, muitas vezes rejeitaram o pensamento evolucionário de Jung, assumindo que suas suposições fundamentais eram inválidas” (Clark, 2025, p. 57).

de uma forma mais abrangente do que apenas a biologia isoladamente é capaz.

Cabe salientar que a crítica de Jung à perspectiva científica de “terceira pessoa” não se dirige à cientificidade enquanto tal, mas ao pressuposto epistemológico de que os fenômenos psíquicos podem ser compreendidos a partir de enquadramentos objetivos abstraídos do indivíduo. Tal perspectiva tende a substituir a singularidade concreta da vida psíquica por generalidades tipológicas, perdendo de vista a manifestação primária do psíquico como fenômeno para um eu experiencial (primeira pessoa)¹⁵.

De acordo com Alcaro *et al.* (2017), podemos apontar pelo menos três ideias fundamentais de Jung que se encontram em situação de revalidação a partir das descobertas da neurociência: o funcionamento dos complexos, o caráter afetivo do Self e a sua função centralizadora e organizadora dos processos mentais. Também destacam uma citação em que Jung (1976/1958, §582) apresenta sua conjectura sobre a possível localização do substrato biológico da estrutura do arquétipo do Self, apontando para a base do cérebro, conjunto do que hoje chamamos de estruturas subcorticais (Alcaro *et al.*, 2017). Sua localização anatomicamente central e seu caráter profundamente afetivo (próximo da medula espinhal) colocariam tais sistemas anatomicamente próximos aos mecanismos de controle de nossas funções fisiológicas mais básicas.

Walters (1994) indica possíveis correspondências entre algumas descobertas da neurociência e a teoria dos arquétipos. Em busca de uma estrutura testável para as possíveis funções adaptativas da mente, tenta fazer uma analogia entre os principais arquétipos e algumas teorias neurológicas

fortemente testadas, afirmando que as ideias biológicas de Jung possuíam uma tendência prevalentemente lamarckiana (teoria rejeitada pelas posições de Alcaro *et al.*, 2017), expressa de forma metafórica e incompleta, na medida em que não se preocupa em descrever problemas adaptativos do ambiente ancestral que levariam a adaptações específicas. Por fim, argumenta que a teoria dos arquétipos antecipou certas perspectivas evolucionistas, na medida em que buscou “definir adaptações psicológicas universais que evoluíram pela seleção natural e determinar como essas adaptações funcionam no ambiente contemporâneo” (Walters, 1994, p. 288).

Contemporaneamente¹⁶ podemos relacionar a discussão ao paradigma neurocognitivo hegemônico, que atribui o processo de categorização afetiva da psique e do que chamaríamos de Self unicamente às estruturas corticais superiores¹⁷, promovendo a “crença de que a consciência só emerge de dentro das redes tálamo-corticais” (Alcaro *et al.*, 2017, p. 2). Porém as observações¹⁸ contrariam tal paradigma, apontando para um funcionamento estrutural mais próximo do que George Northoff chamou de “self mínimo fenomenal” (Northoff *et al.*, 2006, p. 2), uma espécie de proto-self anoético, de caráter afetivo e estruturante dos processos de cognição superiores. Observações em animais decorticados e humanos hidrocefálos indicam que o substrato biológico para ocorrência deste nível mais elementar de consciência está anatomicamente localizado justamente na região das estruturas subcorticais onde Jung apontou a possível origem biológica do Self.

Tal conjunto de estruturas consiste, fisicamente, em sistemas que conectam os hemisférios cerebrais superiores à medula espinhal e ao corpo,

¹⁵ Sobre a constituição pré-objetiva do eu experiencial e a primazia da perspectiva de primeira pessoa na doação de sentido, ver *Meditações Cartesianas* (Husserl, 2013, especialmente a Meditação II) e *Análises sobre a síntese passiva* (Husserl, 2012).

¹⁶ “Em suma, dados animais e humanos demonstram que uma forma primária de Self emerge dentro do SCMS e que todas as outras formas sofisticadas de vida mental podem depender dessas regiões cerebrais, uma vez que lesões ou perturbações do SCMS causam o colapso de qualquer atividade consciente e/ou intencional” (Alcaro *et al.*, 2017, p. 4).

¹⁷ “Esse pode ser visualizado como um manto envolvente do cérebro cobrindo todas as superfícies, incluindo as que se encontram localizadas nas profundezas das fendas conhecidas como fissuras e sulcos, as quais conferem ao cérebro sua aparência enrugada característica” (Damasio, 2012, p. 46).

¹⁸ “Evidências humanas concordantes estão disponíveis de uma condição chamada hidranencefalia, na qual o córtex cerebral e áreas límbicas superiores são totalmente destruídas no útero, o que deixa a maioria das redes subcorticais funcionais. Surpreendentemente, essas crianças hidranencefálicas expressam muitos sinais de estados afetivos positivos e negativos” (Alcaro *et al.*, 2017, p. 3).

alcançando sua maturidade funcional logo após o nascimento (em contraste com as estruturas superiores, que se desenvolvem ao longo das primeiras décadas de vida), e servindo como uma espécie de interface comunicativa de estímulos entre a trama biológica do corpo e as áreas relacionadas às atividades cognitivas superiores do cérebro. MacLean (1973) chamou este conjunto de “cérebro reptiliano”, que, para além da imprecisão terminológica, é observável em todos os animais que evoluíram a partir dos répteis, consistindo numa central de processos primários relacionados ao controle dos sistemas orgânicos.

Evidências em diferentes espécies mostram que tais sistemas são herdados biologicamente, encontrando-se intrinsecamente ligados aos instintos e aos reflexos físicos. Dado que, na maturidade de sua obra, Jung compreendia os arquétipos como contrapartidas psíquicas aos instintos, aqui sua posição se alinha à biologia contemporânea e à posição de Damasio (2012), que indica a possível centralidade dos mecanismos subcorticais nos processos primários de representação de estados somáticos e viscerais¹⁹ e na formação da protoconsciência.

Tais evidências também corroboram as ideias da evolução adaptativa de arquétipos dos *Naturphilosophen* e sua concepção de que o ego consciente e os hemisférios superiores do cérebro derivam de um processo evolutivo muito mais recente do que a rede límbica subcortical²⁰. A paleoantropologia possui posições similares, pois ao calcular o desenvolvimento ontogenético de fósseis homínidos a partir do tamanho de seus crânios, se evidencia que a estrutura superior do cérebro provavelmente

se desenvolveu em períodos evolutivos recentes²¹. Nos termos da psicologia analítica, o inconsciente coletivo (cuja base afetiva emanaria a partir das regiões subcorticais) é mais antigo que o ego consciente que evolutivamente se desenvolveu a partir dele.

Isso significa que a característica psíquica de um instinto é uma qualidade emergente de um impulso/padrão compulsivo/automático originalmente não psíquico (como o de um inseto) que poderia ativar o organismo (Alcaro *et al.*, 2007, nota 7, p. 5).

A teoria de uma protoconsciência pré-representativa que possui a afetividade como característica fundamental já era conhecida na época de Jung, sendo o próprio Eugen Bleuler um de seus principais proponentes. Ao unir as concepções de Bleuler ao trabalho de Pierre Janet sobre as ideias fixas autônomas (Janet, 1889), Jung chegou a sua própria concepção de modelo afetivo da mente, que junto à embriologia de Haeckel²² e a ideia de arquétipos comuns (*Urbilde*) dos *Naturphilosophen*, formaram a base de seu modelo evolutivo.

Desta perspectiva, os afetos são compreendidos como formas de experiência que se originam num campo primário pré-consciente, consistindo em elos de ligação entre as camadas impessoal e a pessoal da nossa mente, modulando a relevância dos temas e imagens que formarão os estados de humor e o comportamento do indivíduo, ao mesmo tempo que gerenciam uma série de respostas fisiológicas coordenadas que constituem o repertório característico de uma emoção.

¹⁹ “As emoções primárias (leia-se, inatas, pré-organizadas, jamesianas) dependem da rede de circuitos do sistema límbico, sendo a amígdala e o cíngulo as personagens principais. A prova de que a amígdala representa esse papel na emoção pré-organizada provém tanto da observação de animais como de seres humanos. A amígdala tem sido objeto de diversos estudos animais por parte de Pribram, Weiskrantz, Aggleton e Passingham, e, (...) por Joseph LeDoux” (Damasio, 2012, p. 150).

²⁰ “Na medida em que nenhum homem nasce totalmente novo, mas repete continuamente o último estágio de desenvolvimento alcançado pela espécie, ele contém inconscientemente, como um dado à priori, toda a estrutura psíquica desenvolvida tanto para cima quanto para baixo por seus ancestrais no curso das eras” (Jung, conforme citado em Clark, 2025, p. 40).

²¹ “O processo de alteração heterocronica da ontogenia de uma história de vida semelhante à dos primatas para uma humana é, conseqüentemente, muito provavelmente não mais antigo do que 2 milhões de anos - embora seja possível que tenha ocorrido mais recentemente” (Clark, 2025, p. 138).

²² “Em termos mais simples, essa teoria afirma que mudar as taxas de crescimento durante a ontogenia pode ser responsável pelas diferentes estruturas anatômicas em uma ampla gama de espécies (...) a filogenia ou especiação resulta da alteração das trajetórias de crescimento ontogenético. Essa variação em um tema arquetípico subjacente é o que parece ser responsável pela diversidade de espécies” (Clark, 2025, p. 26).

Tal como aponta Freeman (1999), a modulação de pesos afetivos que ocorre na base dos processos mentais funciona como um padrão neurodinâmico emergente das estruturas subcorticais, que se propaga em direção ao cérebro e ao corpo, gerando centros afetivos interligados aos instintos por um lado, e aos processos mentais superiores por outro. Assim como em outros experimentos neurocientíficos recentes (Brown, 2015; Freeman, 1999), encontramos indicativos de que a afetividade é realmente a forma mais primordial de experiência subjetiva, podendo servir como processo primário a partir do qual a subjetividade superior se estrutura.

Assim os afetos, enquanto direcionados às estruturas viscerais corpóreas (através da medula espinhal), atuam como vetores de controle de intensidade das ações e reações físico-motoras, em estreita ligação com os instintos e comportamentos, e ao se direcionar para áreas cerebrais relacionadas a atividades subjetivas superiores, assumem a forma de imagens e representações mentais, que dependendo da carga afetiva de seu tema, podem se manifestar ou não de forma arquetípica, modulando através desta dinâmica a própria realidade psíquica.

Considerações Finais

Ao enfrentar o desafio imposto pela rápida evolução das teorias biológicas do final do século XIX, Jung viu-se diante da necessidade de reavaliar e reformular as bases de sua concepção de inconsciente coletivo, pois elas dependiam de uma série de teorias de hereditariedade psíquica. O distanciamento das ideias de memória orgânica e herança de

características adquiridas tornou-se inevitável diante do avanço da biologia, e a consolidação da teoria da seleção natural forçou o abandono das antigas bases, fazendo com que os arquétipos deixassem de ser compreendidos como memórias herdadas para serem entendidos como condições herdadas para a possibilidade de formação de ideias.

Ao adotar a terminologia kantiana, Jung estabeleceu uma analogia entre sua concepção sobre os arquétipos e as categorias, afirmando que os arquétipos não consistiam em ideias herdadas, mas sim possibilidades inatas para representações. A mudança de paradigma foi necessária para dissociar os arquétipos da ideia de herança biológica direta, mantendo seus fundamentos psíquicos inatos, mas modulados pela estrutura biológica em seus diversos níveis. Assim, os arquétipos têm sua compreensão atualizada para expressões psíquicas de disposições anatômico-fisiológicas, moldadas pelas características físicas e favorecidas pela seleção natural.

Tal abordagem biológico-transcendental permitiu a Jung reconciliar suas observações clínicas com os avanços da biologia, especialmente com a teoria da seleção natural. Apesar de seu afastamento das tentativas biológicas de embasamento, a neurociência das últimas décadas mostrou que muitas de suas conjecturas podem se sustentar na biologia, e que suas intuições sobre a natureza afetiva da psique, a origem evolutiva dos arquétipos e o caráter centralizador e organizador do Self podem realmente corresponder a conjecturas corretas sobre o funcionamento da nossa realidade mental. ■

Referências

- Alcaro, A., Carta, S., & Panksepp, J. (2017). The affective core of the self: A neuro-archetypical perspective on the foundations of human (and animal) subjectivity. *Frontiers in Psychology*, 8, 1424.
- Brown, J. W. (2015). *Microgenetic theory and process thought*. Imprint Academic.
- Clark, G. (2025). *Carl Jung and the evolutionary sciences: A new vision for analytical psychology*. Routledge.
- Damasio, A. R. (2012). *O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano* (D. Vicente & G. Segurado, Trans., 3ª ed.). Companhia das Letras.
- Flournoy, T. (1994). *From India to the planet Mars: A case of multiple personality with imaginary languages*. Princeton University Press.
- Freeman, W. J. (1999). *How brains make up their minds*. Weidenfeld & Nicolson.
- Haeckel, E. (1905). *The riddle of the universe*. Harper & Brothers. (Obra original publicada em 1895).
- Hall, G. S. (1885). *The new psychology*. *Andover Review*, 3, 120–135, 239–248.
- Husserl, E. (2012). *Análises sobre a síntese passiva* (C. A. R. de Moura, Trad.). Ideias & Letras.
- Husserl, E. (2013). *Meditações cartesianas: Introdução à fenomenologia* (P. M. S. Alves, Trad.). Forense Universitária (Obra original publicada em 1931).
- Janet, P. (1889). *L'automatisme psychologique: Essai de psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine*. Félix Alcan.
- Jung, C. G. (1999). *Obra completa, vol. 1: Estudos psiquiátricos*. Editorial Trotta.
- Jung, C. G. (1976). *The psychogenesis of mental disease* (3rd ed., Vol. 3). Princeton University Press (The Collected Works of C. G. Jung).
- Jung, C. G. (2012). *Obra completa, vol. 5: Símbolos de transformação: Análisis del prelude a una esquizofrenia*. Editorial Trotta.
- Jung, C. G. (2013a). *Obra completa, vol. 6: Tipos psicológicos*. Editorial Trotta.
- Jung, C. G. (2013b). *Obra completa, vol. 7: Dos escritos sobre psicología analítica*. Editorial Trotta.
- Jung, C. G. (2014). *Obra completa, vol. 10: Civilización en transición*. Editorial Trotta.
- Jung, C. G. (1896/1983). The border zones of exact science. In W. McGuire (Ed.), *The Zofingia lectures* (Supplementary Volume A of The Collected Works of C. G. Jung). Princeton University Press (Obra original publicada em 1896).
- Kant, I. (2025). *Prolegômenos a toda metafísica futura que se possa apresentar como ciência* (J. Berkenkam, Trad.; Obra original publicada em 1783). Vozes.
- Lamarck, J. B. (1984). *Zoological philosophy: An exposition with regard to the natural history of animals* (Translation of Philosophie zoologique). University of Chicago Press.
- MacLean, P. D. (1973). A triune concept of the brain and behaviour. In T. J. Boag & D. Campbell (Eds.), *The Clarence M. Hincks memorial lectures, 1969*. University of Toronto Press.
- McGuire, W. (1974). *The Freud–Jung letters: The correspondence between Sigmund Freud and C. G. Jung*. The Hogarth Press; Routledge & Kegan Paul.
- Mendel, G. J. (1866). *Versuche über Pflanzen-Hybriden*. Verlag von Wilhelm Engelmann.
- Northoff, G., Heinzl, A., Greck, M., Bempohl, F., Dobrowolny, H., & Panksepp, J. (2006). Self-referential processing in our brain: A meta-analysis of imaging studies on the self. *NeuroImage*, 31(1), 440–457.
- Ribot, T. (1897). *The psychology of the emotions*. Walter Scott Publishing.
- Shamdasani, S. (2011). *Jung e a construção da psicologia moderna: O sonho de uma ciência*. Editora Ideias e Letras.
- Walters, S. (1994). Algorithms and archetypes: Evolutionary psychology and Carl Jung's theory of the collective unconscious. *Journal of Social and Evolutionary Systems*, 17(3), 287–306.
- Weismann, A. (1892). *Das Keimplasma: Eine Theorie der Vererbung*. Gustav Fischer.

Contribuição dos Autores: Anderson Triacca: ideia original, redação inicial, ajustes posteriores, redação final. Marlon Xavier: revisão, conceituação, ajustes posteriores, redação final.

Disponibilidade de dados: Os dados estão disponíveis mediante solicitação ao autor correspondente.

Financiamento: Nenhum financiamento a declarar.

Conflito de interesses: Nenhum conflito de interesses a declarar.

Editora do artigo: Vera Lúcia Viveiros Sá <https://orcid.org/0009-0009-9057-0034>